

Poemas

Flávia Nascimento Falleiros

Professora de Teoria Literária da UNESP e tradutora.

RUA FORTUNATO

A rua Fortunato engana. Dizer que é uma rua de infortúnios seria fácil, seria óbvio. Não: a rua Fortunato simplesmente tem calçadas escancaradas em que todas as chagas da urbe se estampam. O *lumpen* proletariado se revela. Quintas, sextas, sábados, domingos, feriados: espetinhos, arrotos, eructações, berros, um entre tapas e beijos privados na via pública. Tudo estupidamente gelado. Domingo de manhazinha, na rua Fortunato, a vizinha anônima sai cedinho do sobrado de paredes rotas e árvores sobreviventes. Acabada! Nádegas despencadas, a tinta desbotada dos cabelos avermelhando-se malvadamente em contraste – aos gritos – com a raiz e a cútis encardida dessas grandes cidades dos trópicos.

POEMA DO CREPÚSCULO

A poesia liquefeita (rabos de sol dançante,
presas incólumes do concreto armado).
Os olhos
de vários em vários pares a fitar com fito
os desenhos que desde a infância
as nuvens sugeriram —
a aura esplendorosa dos santos,
seu olhar luminoso-complacente
despontam nos altos das paredes.

De além dos vigésimos andares a luz espalha-se
enquanto os homens lutam a sua labuta
buracos de luz por entre os opacos do horizonte
lançam novos sentidos aos sons
(cães a ladrar entrementes).

Mas os pesos da vida são mais atrozes que suas dádivas
por isso o terrível dedo de Deus vagueia pela cidade
nomeando as catástrofes
soterrando os mortos.

DUETO CABRALINO

(composição musical para duas vozes ou instrumentos)

Para J.C.

fios bem fios porque tênues
entre nós lâmpadas
bem claras coisas só desejos
deflagrados qual pólvora seca
se umedecida fosse
por secreções lacrimais pelos pêlos

linhas bem linhas invisíveis
entre nós agulhas
bem tecidas coisas indizíveis
amarradas qual partes unas
se as unisse a mão hábil do impossível
com precisão de carne e unha

ligaduras bem ligaduras ósseas
entre nós músculos
seriam depois de transpostas
cada lâmpada e toda agulha
facas duas fundidas a fogo
lâmina una inscrita no corpo

O VINHO

(colagem muito infiel com Baudelaire e Ponge)

I

Do gargalo estreito de sua prisão de vidro com reflexos de gema rubra, canta a alma noturna do vinho, canta este canto pleno de luz que já conhecemos, canta a alma antiga do vinho, com pena, labuta e suor de séculos, canta com ecos solares da encosta incendiada que lhe soprou *anima*. E declara sua gratidão, o vinho, desde que liberto na goela humana (macio sarcófago em que vem jazer). Ele é então brando fogo a dilatar o peito: dos amantes, como puro sangue de cavalgadas loucas, do solitário, como bálsamo supremo, do assassino, como sudário cúmplice.

II

Jazida fluida que se extrai da mina ou pele que se curte no curtume, é tanino o vinho, e também tecido envelhecido na vagarosa e úmida escuridão da cave, antro do chão em que o tempo opera a mutação da polpa insossa da uva em líquido. Este, tornado chama combustível ao contato dos corpos, fá-los dançar – sem todavia incendiá-los à queimadura – qual títeres animados por tal irrigação vivaz. Segredos de polichinelo, apenas, tem o vinho: pois ele é loquaz e, se amado, ainda que por bem volúveis amantes, conta-os todos.

III

De todo modo é calor, o vinho (e o que é calor é sopro humano, tônico, reconforto).

DIAS TRANQUILOS EM CLICHY

Os olhos querem tragá-las
– fotos de Man Ray –
meus olhos querem tragar
as fotos de mulheres personas
de Man Ray
as fotos-espelho de Man Ray
personas, mulheres, palavras e objetos que sonharam.

Nada importa
só os poetas
desde que tenham feito verdadeira poesia
de Breton a eZra e Ray
(Ezra errou e enjaulado, pagou)
quer dizer
homens em busca da idade

Je cherche l'or du temps
diz a inscrição sobre a lápide tumular de André
no cemitério de Clichy

PALAVRAS

*...sereis apenas mitos,
semelhantes ao mirto
dos mortos?*

Carlos de Oliveira

As palavras têm seus tons
são espíritos
são corpos e habitam abissais
distâncias talvez superfícies impalpáveis

É preciso buscá-las em desvairio
(a)guardá-las
até que descansem brevemente
e os joelhos dos poetas que as abriguem
projetando-as em qualquer espaço
e sempre a qualquer preço
(por exemplo vida ou morte)

Elas são notas sim são notas
musicais irrefragáveis
as palavras
e inquietam muitas vezes os atentos que as querem
tanto
que saem sem saber que o mundo tem um fim

Na nascente há um mote
Há um tesouro há ouro

As palavras
de tão sonoras
demandam silêncio.

E nem para as loucas faremos orelhas moucas.

REPRODUÇÕES DE PICASSO E KLIMT

Se olho para as paredes da sala
todas as mulheres se parecem comigo
grávidas, românticas ou cubistas
São todas minhas multifacetadas
e é como se eu fosse todas as bucetas
ou uma caixa de Pandora
talvez todas as belezas.

Só me escapa a bela que eu sou.
Preciso aprender outras operações matemáticas além da divisão.